

“Não existe uma língua que é mais antiga, que é mais importante do que o Guarani”

Teodoro Tupã Alves¹

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v22i48.884>

Eu lembro bem que conheci o Melià [Bartomeu Melià S.J.] lá no Mato Grosso do Sul, quando ele esteve ministrando uma capacitação para os professores Guarani e Kaiowa. Nessa época o Cimi [Conselho indigenista Missionário] estava atuando aqui na região Oeste do Paraná, e nos convidou para participar da capacitação que iria ocorrer na cidade de Dourados (MS). Naquela época tinha capacitação para professores Guarani em Dourados. Essa capacitação, era chamada de *Ará Verá*, era para a formação de professores indígenas. Hoje não mudou muito, continua sendo *Ará Verá*. Eu me lembro dele (Melià), quando ele fez a palestra com os professores Kaiowá e Guarani.

Nós, professores do Oeste do Paraná fomos participar da capacitação. Neste grupo já tinha professores que estavam se formando para trabalhar na escola indígena e eu me lembro que, quando a gente entrou para a capacitação, eu mal conhecia o Melià. Naquela oportunidade eu o conheci. No Paraguai ele é o conhecedor da educação, ele fala da educação tradicional Guarani, eu acho que ele já tinha esse trabalho com a comunidade indígena Guarani por isso, ele falou da tradição da educação tradicional. Quando a gente falou, enquanto professor da educação tradicional, ele falou da educação tradicional. A educação tradicional vem da comunidade, dos mais velhos, que é educação tradicional. Funciona assim dessa forma, que os mais velhos, os *Oporaíva/xamãs* é que trabalham, são nossos professores, o trabalho dele é ensinar os mais novos, e mesmo a preparação dos *Uraidjá/rezadores*. Melià tinha conhecimento mesmo das ideias religiosas dos *Oporaíva*, ele fala bem de *Uraidjá*, o que realmente é *uraidjá*. Os *Oporaíva* são formadores na cultura e até mesmo na dimensão social. Os Guarani vêm se formando dessa forma em comunidade, coletivamente através dos mais velhos através dos *Oporaíva*. É por isso que até hoje tem a *Opy/casa de reza*, onde o guarani aprende a sua própria cultura, sua própria língua, seu próprio rito.

¹ Reserva Indígena Tekohá Itamarã.

O Melià falava muito disso, e parece que tá acontecendo a fala dele hoje, que coletivamente o Guarani faz as coisas, não individual, a cabeça da comunidade Guarani não é individual, é coletiva. Na cerimônia ele falava muito, então, o Melià, apesar dele não ser indígena, ele tem conhecimento que vem do trabalho dele, de muito tempo, o Melià, não é apenas professor. Ele também levava isso pra outras comunidades, tanto do lado paraguaio, principalmente pois é onde ele atua mais nas comunidades, até porque ele morava no Paraguai.

Ele era uma pessoa que, se for pra falar dele, tem conhecimento profundo da cabeça do povo Guarani. Ele fala muito do respeito à língua, não existe uma língua que é mais antiga, que é mais importante do que o Guarani. Porque ele falou que a língua Guarani, que ele conheceu era a língua *Xiripá* que é o mesmo *Avá-Guarani*. Ele participava da dança do povo Guarani lá do Paraguai, ele na época lá no Mato Grosso, ele parece que tem acesso mais livre às pessoas aos Guarani e Kaiowá, ele conhecia o *Ará Verá* e a organização já vinha de muito tempo, ele conhecia a organização social dos *Kaiowá Guarani* de muito tempo, e até a luta pelo território. Ele participou muito, não só na educação, mas também na parte do território, na parte do direito e ele falava muito do direito, do direito indígena, acho que ele participou um pouco de Constituição de 1988. Mesmo que ele não tenha participando diretamente, ele assessorava os professores, os apoiadores, ele fornecia muito material sobre educação indígena, sobre luta pelo direito.

Ele também é um conhecedor da cultura Guarani, como da língua, que ele falava fluentemente e entendia. Ele falava também a língua Guarani paraguaia, por ser uma pessoa que mora no Paraguai e por ser a sua terra “natal”. Depois daquela vez não tive mais oportunidade de encontrar com ele.

O Melià me marcou muito. Na fala dele a gente vai se encontrando, no encontro de hoje [encontro de jovens comunicadores] parece que aquilo que ele vinha falando é tudo isso acontecendo hoje, porque ele falava muito que o Guarani é mais organizado que outras etnias. Além de não ter ainda o conhecimento para o *juruá/não indígena*, o Guarani já é conhecedor de muitas coisas, por ser conhecedor, facilita para uma pessoa trabalhar, nem que seja ele ou outra pessoa, facilita muito trabalhar com a comunidade indígena Guarani. Muita gente começa a trabalhar e gostam do jeito que o Guarani se organiza. Antigamente o Guarani era fechado, mas hoje ele é aberto, chegou o momento de estar se abrindo à força para que também o juruá [não indígena] que tem interesse de

“Não existe uma língua que é mais antiga, que é mais importante do que o Guarani”

trabalhar com a comunidade indígena, como hoje tem várias pessoas que se interessa, que trabalham com a comunidade indígena, não por interesse econômico, mas porque os parceiros, vem cada vez mais gostando do ritmo da comunidade indígena, então ele fala muito disso.

Ele realmente chegou a ficar um tempo na aldeia no Paraguai e conviveu com os Guarani. Ele até cantou uma música em Guarani que ele falou assim, “essa música marcou a minha vida lá numa comunidade lá no Paraguai” que ele chamava de Caaguaçu. Ele falou que esse canto aqui, “o dono já é falecido, mas eu tenho essa música, eu guardei esse canto pra mim”. Quando tinha trabalhado com ele, já era uma pessoa idosa e eu cheguei a presenciar, então é por isso, que eu cheguei a conhecer ele, cheguei a participar de uma cerimônia sagrada. Ele falou também da fé que ele tem, ele fala assim que ele acreditava no “Deus Tupã, que, mesmo que ele tem a sua religião, e se fosse para escolher uma, eu escolheria essa, nesse caminho Guarani, de seguir o ritmo do Guarani”, e isso ele falava muito. Então hoje, lembrando dele, a fala dele parece que vem na gente e fica na gente, marcou a gente. Ele era uma pessoa assim simples, em nenhum momento ele falava contra o interesse da comunidade indígena. Em Dourados ele participou, falou muito de Amambaí, onde participou de um processo de ensino. Ele conhecia o Cimi do Brasil, e do outro lado [Paraguai] uma pessoa que trabalha na parte da diretoria da educação indígena no Paraguai, na verdade ele acompanhava, ele era uma pessoa que fazia parte da equipe de educação.

Ele disse aqui, que em qualquer lugar que for, o professor deve ser uma pessoa simples, independente de ter coisas, mas se a pessoa está lá, é porque alguém te colocou, você está lá porque tem criança para estudar, você está lá porque alguém está pagando pra você estar lá. Por isso você não pode deixar de participar de qualquer movimento, você trabalha tanto na aldeia, como na liderança, nunca deixe o seu parceiro.

A'aveté Melià!!

Tekoha Itamarã, dezembro de 2021.

Sobre o autor:

Teodoro Tupã Alves: Professor e Líder Guarani no Tekoha Itamarã, Diamante D'Oeste, Paraná. **E-mail:** dttarajupora@seed.pr.gov.br, **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-3891-7602>

Recebido em: 06/07/2022

Aprovado para publicação: 08/07/2022